

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Extensão universitária como um meme de redução sociológica.

Heloisa Helena A. Borges Q. Gonçalves, Sidney Lianza y Antonio Claudio Gómez de Souza.

Cita:

Heloisa Helena A. Borges Q. Gonçalves, Sidney Lianza y Antonio Claudio Gómez de Souza (2009). *Extensão universitária como um meme de redução sociológica. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1332>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Extensão universitária como um meme de redução sociológica

Heloisa Helena A. Borges Q. Gonçalves, D.sc
Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC/UFRJ)
Instituto Moreira Alves (IMA)
heloborgesq@uol.com.br

Sidney Lianza, D.sc.
Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC/UFRJ)
sidneylianza@gmail.com

Antonio Claudio Gómez de Souza, M.sc
Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC/UFRJ)
ac@del.ufrj.br

RESUMO

O tema extensão universitária em territórios com vulnerabilidades sociais, econômicas e ambientais é o eixo temático no qual se desenvolvem duas experiências de extensão universitária que são apresentadas neste artigo. A primeira experiência é organizacional e destaca referências e sentidos solidários que balizam as redes de projetos do Núcleo de Solidariedade Técnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de extensão, pesquisa e ensino. A segunda experiência é um estudo de caso em curso há três anos, com resultados parciais de aplicação das referências e sentidos da economia de

comunhão na liberdade em um empreendimento solidário de inclusão produtiva de jovens em situação de vulnerabilidades sócio-econômico-ambiental, desenvolvido na comunidade da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, com financiamento do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). O problema abordado é o que é possível transformar (ou não) para possibilitar a prática de idéias replicadoras como, “um outro mundo é possível”, e como “economia de comunhão na liberdade”, em comunidades nas quais as manifestações culturais de seus integrantes encontram-se inoculadas por unidades de transmissão cultural (MEME), que são transmitidas de um cérebro para outro e indutoras de idéias desconectadas de compromisso social universal e dos impactos do modo de produção capitalista no ecossistema do Planeta Terra, e que por si responsáveis por comportamentos que acabam por hipnotizar a consciência coletiva global. O método utilizado de análise dos resultados das duas experiências é o indutivo. A hipótese de trabalho é que a universidade nos países latino americanos, em sua vertente extensionista pode ser um MEME dotado de redução sociológica nos moldes apresentados pelo sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, e por isso influir nas mudanças de comportamento dos atores que intervêm em realidades sociais portadoras de vulnerabilidades plurais.

1. INTRODUÇÃO

Apresentamos o projeto de extensão inclusão produtiva de jovens de 18 a 24 anos, moradores de comunidade em situação de vulnerabilidades sociais, econômicas e ambientais. Insere-se no Plano Nacional de Extensão nas áreas temáticas Trabalho (8) e Educação (4); na linha programática “Organização Populares (35)”. Desenvolve-se no Bairro da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, coordenado pelo Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC), oriundo do Departamento de Engenharia Industrial (2004) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na implantação do projeto inserimos fundamentos de economia de comunhão na liberdade (EdC) como cultura da partilha e bens relacionais, temáticas pouco conhecidas na literatura acadêmica das áreas de engenharia, administração e economia. Articulamos a economia de comunhão com os fundamentos da economia solidária (autogestão). Aplicamos a abordagem de metodologias participativas como a metodologia da pesquisa-ação para identificar a atividade produtiva, o perfil e localização dos jovens, problemáticas da comunidade e para mapear 40 instituições locais potenciais parceiras. O método de abordagem para o conhecimento do território foi o indutivo. Análise temática de conteúdo foi utilizada para identificarmos efeitos que o projeto de extensão provocou nos jovens, na universidade e no território. Os resultados descrevem limites e potencialidades identificados no processo de

implantação. Os resultados instrumentais foram: organização da iniciativa produtiva “Do Nosso Jeito”, em processo de autogestão, ainda não legalizada; elaboração da planilha de partilha para distribuição da renda. Os substantivos: melhoria atitudinal dos jovens da comunidade e dos jovens acadêmicos, aplicação de valores éticos e fraternos essenciais para a construção de bens relacionais. Conclusão é que para sustentabilidade de produtos de atividades extensionistas, desenvolvidas em comunidades com vulnerabilidades de direitos humanos e sociais é primordial promover articulação e integração do projeto com ações do poder público local e iniciativa privada, aplicar a redução sociológica e identificar os Memes que possam estar atuando no sentido contrário às intenções da proposta extensionista.

2. DESENVOLVIMENTO

- **Quadro conceitual sobre Meme e sua relevância para a extensão**

O termo Meme foi incorporado pelo *Oxford English Dictionary*, em 1998, onde aparece com a seguinte definição: “Meme (mi: m), n. Biol. (abreviação de mimeme... aquilo que é imitado, a imitação de GENE n.). *“Um elemento de uma cultura que pode considerar-se transmitido por meios não genéticos, em particular através da imitação”*. Um meme pode ser uma idéia, uma frase, uma imagem.

Segundo Dawkins (2002), os memes se imbricam, retroalimentam e fortalecem criando padrões de conduta no instante em que encontram território fértil (cérebro dos humanos) para se estabelecerem. Para Dawkins, um meme pode ser uma boa idéia ou uma idéia estúpida, mas deve ser de fácil assimilação e imitação. “Os memes não poderiam se espalhar, se não fosse o fato de os indivíduos terem a tendência biologicamente valiosa de imitar”.

Para Morin(2002), as idéias são dotadas de vida própria porque dispõem, como um vírus, em um meio, (cultural/cerebral) favorável, da capacidade de autonutrição e autoreprodução. Assim, os cérebros humanos e, acrescentemos, as culturas formam os ecossistemas do mundo das idéias.

Moraes (2009) afirma que existe uma reação individual ou de um grupo ao complexo de elementos chamados de memes por Dawkins (2001). Tais elementos compõem o seu meio ambiente, e colaboram de forma significativa na formação de seus conceitos, contribuindo para as mudanças em sua atitude, em sua maneira de proceder com o mundo exterior de complexidade variável. Também, contribuindo com outros indivíduos ou grupos, alterando seus sentimentos e necessidades íntimas ou

uma combinação destes, gerando efeitos correspondentes a estes elementos (memes) e proporcionais à experiência e bagagem cultural dos indivíduos.

Cabe destacar que bagagem cultural pode ser entendida como todo conhecimento adquirido de indivíduos diferentes, através do diálogo e que a partir dela se aprende e se ensina algo tais como: hábitos, costumes, e crenças adquiridos de outras pessoas.

Segundo Moraes, os memes são elementos que favorecem o desenvolvimento de novas possibilidades na realidade do sujeito, dando origem a mudanças em sua percepção de si mesmo, do “outro” e do que o cerca e possuem características tais como: Meme atravessa as Classes Sociais; Meme viaja no tempo; só contamina quem tem “Bagagem”; é uma abstração: precisa ser percebido; Meme recebido é abstraído; Meme transformado é repassado; desempenho de um meme depende da cognição do sujeito; é percebido pela consciência; vetor do Meme está lá fora; um Meme ao se instalar na cultura vira conceito; Memes interferem no processo criativo do Ser Humano; Meme é mutante.

Afirma Blackmore (1999) que se pode classificar os Memes como um vírus em busca de hospedeiro. Blackmore defende ainda que a transmissão dos memes pode ser feita verticalmente e horizontalmente. Os Memes funcionam como referência para o humano compreender melhor os diversos aspectos da realidade ligados à sua vida e ao objeto de seu trabalho. A relevância da memética é que quanto mais conhecermos esses elementos - os memes-, melhor reconheceremos sua influência e compreenderemos assim nossa própria realidade.

Sendo assim, a tese “*um outro mundo é possível*” poderá passar de um cérebro para o outro, no âmbito da extensão universitária e por imitação propiciar as condições objetivas necessárias para as mudanças estruturais transformadoras, numa amplitude de dimensões micro até a amplitude macro, e poderá ser confirmada ou refutada.

Para tanto é preciso que o Meme “*um outro mundo é possível*” encontre um eco no indivíduo, o hospedeiro, por exemplo, em encontros acadêmicos sobre extensão universitária em países desenvolvidos e em desenvolvimento, que podem propiciar a sua transmissão. Cabe destacar que Memes são unidades de transmissão cultural e de imitação, isto é, são “átomos de idéias” que ao encontrarem “eco” no indivíduo, mudam suas atitudes.

RECONHECER MEMES ESTRANGEIROS PODE CONTRIBUI PARA A REDUÇÃO SOCIOLOGICA NOS PAÍSES LATINOS AMERICANO

Muito do que se admite verdadeiro para os países desenvolvidos pode não ser válido para nações em desenvolvimento. Por isso, é pertinente que a redução sociológica apareça como a concretização de uma conduta, de segmentos da população, a quem cabe a responsabilidade de liderança de uma comunidade; de desenvolver e criar um método apropriado para uma necessidade social de uma comunidade. A redução contribui para que as comunidades e seu povo possam atingir um caminho de edificação do seu próprio processo evolutivo, não deixando de lado as experiências adquiridas em outras comunidades. É um esforço de encontrar um método que conduza a uma sistematização da assimilação da produção científica exógena (Guerreiro Ramos, 1965).

Conforme Ramos, a redução sociológica evita a prática de transplantações literais largamente realizadas em países de formação colonial (ou em processo de desenvolvimento). Isto implica na concepção ingênua de que os produtos culturais produzem os mesmos efeitos em qualquer contexto.

Considerando que a cultura de um povo é o seu ponto-de-vista. Falar, portanto, da cultura extensionista latino americana é falar do ponto-de-vista dos povos latinos americano. No caso do Brasil, víamos a nossa realidade através de interpretações importadas e com o hábito secular de consumir idéias e interpretações pré-fabricadas. Tal percepção viciou o espírito de nossas camadas instruídas – o que torna o esforço de elaboração da cultura nacional extremamente penoso, em virtude da inércia mental contra quem tem de chocar-se. (RAMOS, 1965)

Na fundamentação teórica da redução repousa a noção de que a realidade social – em sua complexidade – seria tecida por entes em sistemática conexão de sentido, não sendo gratuitos os fatos da vida social, mas "referidos uns aos outros por um vínculo de significação" (RAMOS, 1965). Inferia daí a categoria **mundos**, na qual o sujeito, sua consciência e os objetos estariam intrinsecamente relacionados, existindo em profunda imbricação uns com os outros, assim, a **consciência** não seria uma forma do entendimento de se ocupar das coisas, mas sempre consciência "de algo", das coisas, referida sempre ao objeto.

Também as idéias (Memes) estariam enredadas nessa trama e, se construídas com base na ausência de consciência crítica e no uso da transplantação literal, alicerçadas na crença no axioma de que as mesmas idéias produziram os mesmos efeitos em contextos distintos, configurar-se-ia a **ingenuidade**. O homem como ser social, como **ser-no-mundo** (e **ser-do-mundo**) estaria fatalmente inserido num determinado contexto, suas ações, formas de consciência, valores, em suma, sua **visão de mundo (Weltanschauung)**. (RAMOS, 1965).

Tomando em consideração os argumentos acima apresentados considerar e aplicar experiência de extensão universitária realizada em países de culturas diferentes e contextos distintos pressupõe que seja executada a redução sociológica para evitar-se a instauração da ingenuidade.

ECONOMIAS DE COMUNHÃO E SOLIDÁRIA DOIS MEMES EM APLICAÇÃO EXTENSIONISTA

A economia de comunhão (EdC) é uma forma de produção, consumo e distribuição de renda centrada na cultura da partilha, tendo como finalidade a fraternidade universal. Inclui, na partilha do lucro ou sobras, pessoas que **não** contribuíram diretamente no processo produtivo das empresas ou cooperativas. Tais destinatários da EdC são os pobres, porém não se trata de filantropia ou caridade pois os participantes/beneficiários (pobres) são incluídos no projeto ao colocar em comum a sua necessidade e tão logo tenham condições também participam da comunhão de bens. Partilha-se além de dinheiro, bens relacionais confiança, incondicionalidade, gratuidade, simpatia, amizade, ajuda mútua, reciprocidade.

O “x” da questão é: quando os pobres são aqueles que estão gerando trabalho e renda, até que ponto estão preparados para aplicar a cultura da partilha, com outros pobres, dos ganhos financeiros e imateriais que estão gerando?

Bruni (1999) identifica quatro características da economia de comunhão que permitem compreendê-la: universalismo, segundo o qual a comunhão engloba a humanidade inteira; relacionalidade, na qual a pessoa é vista numa relação construtiva com o outro; racionalidade expressiva, segundo a qual as relações são regidas pelo desejo de “expressar” com o comportamento algo da própria personalidade ou dos próprios valores; reciprocidade não-condicional, a probabilidade de alguém retribuir confiança é muito maior quando a recebe incondicionalmente.

A economia solidária (Ecosol) é uma forma de produção, consumo e distribuição de riqueza (economia) centrada na valorização do ser humano - e não do capital - de base associativista e cooperativista além de processos colaborativos e solidários, voltada para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços, de modo autogerido, tendo como finalidade a reprodução ampliada da vida. Aqui o “x da questão é: como aplicar a economia solidária numa cultura local de emprego e carteira assinada?

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO UM MEME DE REDUÇÃO SOCIOLÓGICA

A extensão entendida como prática acadêmica que interliga a universidade nas suas atividades de ensino e de pesquisa, com as demandas da maioria da população possibilita a formação do profissional cidadão e se credencia, cada vez mais, junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes. A prática da extensão possibilita a constante busca do equilíbrio entre as demandas socialmente exigidas e as inovações que surgem do trabalho acadêmico.

Para tanto seria preciso que os projetos de extensão quando realizados em territórios com vulnerabilidades plurais não transplantassem memes de um contexto para outro distinto sem a devida redução sociológica. Cabe lembrar que elaborar e gerir um projeto de extensão não significa e não garante a afirmação das forças vivas do território. Além disso, os arranjos institucionais não se fazem à revelia das estruturas sociais, mas antes o contrário: seus limites e contornos só podem ser entendidos quando reportados a elas.

Mais do que conhecer a cultura local importaria compreender as estruturas sociais a ela correspondente e como estas estruturas se traduzem nas instituições que regulam e orientam os comportamentos individuais e coletivos locais.

No caso da implantação do projeto de extensão no território da Cidade de Deus localizada no Rio de Janeiro prevalecia passividade, precariedade de direitos humanos e sociais, individualismo, assistencialismo, “ditadura” de instituições religiosas, partidos políticos e tráfico de drogas.

A partir dessa compreensão, ao contrário de organizações filantrópicas ou assistenciais, que atuam somente como iniciativas de cunho social, para a implantação do projeto de extensão optamos pelas abordagens da economia de comunhão na liberdade e a economia solidária que são tentativas de inserir o social no cerne da economia.

MATERIAL E MÉTODO

A abordagem metodológica foi ancorada na metodologia participativa consensuada e utilizou-se três papéis participativos: Facilitadora “invisível”; Representantes de instituições locais, pessoas avulsas (sem instituições), bolsistas de extensão, observadores participantes eventuais. Ainda utilizamos um procedimento para a distribuição de renda a Planilha de Partilha. O fluxo metodológico permitiu alcançarmos a geração de trabalho e renda no setor de serigrafia, conforme a Foto A, da primeira retirada.

Foto A: Primeira retirada, da iniciativa produtiva “ Do Nosso Jeito”



Para efeito dos fundamentos da economia de comunhão que prevê beneficiários (pobres), que não participam do processo produtivo, incluímos na planilha de partilha o item “doação”. Todavia, ainda não realizamos esta destinação porque os jovens não estão maduros para compreender tal procedimento.

3. CONCLUSÕES

A experiência de três anos com o projeto de extensão gerou o seguinte aprendizado:

- o Consenso e metodologias participativas como forma de processo decisório possibilita liberação das vozes ativas dos atores locais embora não reduza os ruídos na comunicação, disputas ideológicas e rupturas.

- Objetivos não declarados dos atores locais, participantes/beneficiários, e equipe executora podem resultar em gargalhos na execução das metas físicas do projeto.
- Equipe formuladora do projeto deve realizar prévio diagnóstico do contexto no qual o projeto será realizado: território, práticas, atitudes, grupos de poder, ideologias, influências partidárias e mazelas da cultura local. Para tanto são necessários financiamentos para a realização de pré-diagnóstico, nem sempre contemplados nos editais de chamada públicas.
- Incluir psicólogos na equipe de execução para acompanhar e intervir, organizacionalmente, quando emoções emergentes dos hábitos da cultura local iniciem um processo de gargalo nas atividades extensionistas. E, dependendo do território o aconselhamento jurídico é recomendado.
- Implantar políticas públicas de promoção da inclusão produtiva de jovens pela abordagem da economia solidária sem levar em consideração os potenciais entraves da cultura do emprego com carteira assinada pode ser um desperdício de recursos públicos.
- Implantar um projeto com as bases da economia de comunhão é necessário um prazo de pelo menos três anos para recompor princípios e valores.

Fonte: Elaborado por Heloisa Helena A. B. Q. Gonçalves, D.sc SOLTEC/UFRJ.

Os resultados alcançados permitem afirmar que projetos de extensão deveriam ser mais aplicados, sobretudo, pelas universidades públicas devido a seu compromisso com a sociedade. Contudo essa aplicação deveria ser articulada com projetos de governo de desenvolvimento local. Os conhecimentos acumulados nas universidades públicas e partilhados com aqueles que estão na base da pirâmide econômica são fundamentais para se atingir o Meme “um outro mundo é possível”. Para tanto, o prazo para realização dos projetos de extensão deveriam ser de pelo menos dois anos a mais daqueles que são previsto nos Editais. A seguir, as lições aprendidas:

- i) Projeto oriundo de externalidades (editais) requer tempo de integralização para além de 36 meses para que os participantes/beneficiários assumam-no.
- ii). Tempos e interesses dos parceiros envolvidos são diferentes e podem gerar incompatibilidade entre o cronograma de metas e a metodologia participativa.
- iii). Quando há indícios históricos de inserções assistencialistas de Ongs locais, alocar bolsas para atores da comunidade pode ser desaconselhado.

- iv) Projeto de Governo, implementadores de política pública desarticulada de outros projetos sejam governamentais, não governamentais ou privados podem resultar em desperdício de dinheiro público.
- v) A dinâmica entre o projeto (papéis) onde tudo cabe e a realidade onde nem tudo cabe pode gerar subsídios explícitos em comunicações como esta e contribuir para novas políticas públicas integradas à realidade dos territórios foco de projetos de extensão.

Bibliografia

- BRUNI, Luigino. *Para uma teoria econômica de comunhão* coisas antigas e coisas novas. (In) BUREAU INTERNACIONAL DA ECONOMIA E TRABALHO. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova, 1999.
- BLACKMORE, Susan. *The meme machine*. Oxford, Oxford Univ: Press, 1999.
- DAWKINS, R. *Desvendando o arco íris*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MORIN, Edgar *O Método 4 - As Idéias : Habitat, Vida, Costumes, Organização*.
- 3ª ed, Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MORAES, Carolina Pereira. Os "Memes" no Processo Genealógico dos conceitos. Tese Doutorado. Programa Historia da Ciência e Epistemologia da UFRJ. 2009.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. *Redução Sociológica*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro. 2ªed. 1965.